

O Poder Econômico Internacional

Plínio Salgado

Sumário

O maior dos comunistas.....	2
Capitalismo e comunismo.....	5
O diálogo dos Atlantes.....	10
Imperialismo e democracia.....	14
O penúltimo parceiro.....	17

“Não é possível combater o Capitalismo sem combater o Comunismo, do mesmo modo que não é possível combater o Comunismo sem combater o Capitalismo. Pois tanto um como outro não passam de uma só cabeça, com duas caras, cabeça ligada ao mesmo corpo, que é o materialismo, a subordinação do Espírito Humano à brutalidade das forças cegas da Natureza, ou melhor, de uma das faces da Natureza, isto é, a material.”

Plínio Salgado

O Maior dos Comunistas

O maior dos comunistas não pertence ao Comintern ou ao Cominform, ao Consomol ou a outras organizações do partido de Lênin. O maior dos comunistas não pertence sequer às linhas auxiliares que abrem carta de crédito à propaganda marxista e cobrem com sua aparente ingenuidade as manobras do imperialismo vermelho. O maior dos comunistas nunca foi a um Congresso de Viena, nunca assinou o apelo de Estocolmo, nunca tomou parte nas manifestações coletivas pró "petróleo é nosso" ou contra o acordo militar Brasil-Estados Unidos. O maior dos comunistas nunca editou, nem assinou, nem comprou nas bancas um desses vinte e tantos diários que a Rússia mantém em nosso País. O maior dos comunistas nunca fez agitações de rua, nunca interveio nas greves, nunca se preocupou em atacar pela palavra ou pela escrita os governos ou as chamadas classes conservadoras. Mas, apesar de todas essas negativas, é hoje, como foi sempre e como continuará a ser, o maior, o mais eficiente de quantos comunistas andam pelo mundo pregando a doutrina de Marx e a técnica de Lênin.

Porque o maior dos comunistas do mundo é o Espírito Capitalista. Não direi o Capitalismo, que é um sistema econômico, uma tese a ser discutida em capítulo separado. Refiro-me aqui aos fatores psicológicos, que desabrocham do sistema e constituem um estado de alma, uma forma de mentalidade, traduzindo-se em atitudes e ações deletérias cujos efeitos são a dissolvência, a decomposição disso que nos habituamos a denominar Civilização Ocidental ou — por suprema ironia — Civilização Cristã.

* * *

O Espírito Capitalista é o espírito do lucro. Do lucro pelo lucro. Do lucro que se hipertrofiou enriquecendo-se com o adjetivo "extraordinário" que encobre o adjetivo "ilícito". Do lucro que manobra a grande engrenagem chamada "especulação". Do lucro que intervém nos costumes da sociedade e interfere no próprio seio das famílias, atacando na raiz a estabilidade econômica dos lares.

O Capitalismo (sistema econômico) adquirindo essa alma tenebrosa, a alma do senhor Grandet, fotografada e filmada pelo gênio de Balzac, tratou de criar, na grande massa dos consumidores de mercadorias, a psicologia específica das filhas do Pai Goriot, outro personagem do grande cronista da Comédia Humana. É a psicologia da "despesa", subordinada ao imperativo da "moda" e, pouco a pouco, transformada em psicologia da prodigalidade, do esbanjamento, do luxo, da ostentação, dos supremos confortos, das elegâncias, das distinções superfinas.

Criada pelo Capitalismo essa psicologia dos compradores, que domina desde os mais ricos aos remediados e desde estes aos pobres, e lançado o desespero nas classes média e submédia, sequiosas por ostentar os mesmos padrões de vida dos abastados, o Capitalismo pôde vender uma infinidade de artefatos, de instrumentos, de máquinas, de objetos domésticos, não se falando no dilúvio de automóveis, de aparelhos de rádio e televisão, mobiliário variadíssimo e de todos os estilos, tapeçarias, não se falando em roupas masculinas e femininas, peles, perfumes, jóias e quinquilharias.

A técnica moderna facultou ao Capitalismo a produção em série dos mais variados produtos e a sua propaganda assoberbante, asfíxiante, pelas emissoras de som e de imagens, pelos jornais e revistas, pelos cartazes, pela policromia dos impressos mais-sugestivos.

Mas como, apesar de dominar completamente as multidões compradoras, o Capitalismo precisa vender mais, para lograr mais lucros, o grande comunista (o maior de todos) utiliza-se desse agente despótico e tiranizante que se chama "a moda". Assim, em primeiro lugar, cria-se a hierarquia dos ídolos modernos. Existem automóveis para todos os preços, desde o de alta granfinagem até ao de reles exercício funcional, para burocratas e empregados de segunda, terceira e quarta categorias. O desespero dos compradores está na aspiração de serem promovidos de um "jeep" a um chevrolet, de um chevrolet a um dodge, de um dodge a um cadillac. Cada possuidor de um carro se julga o mais infeliz dos homens olhando o carro de outro que traz marca mais nobre e custa mais caro do que o seu.

Do mesmo modo, nessa estúpida hierarquia dos valores sociais, os que possuem aparelhos de rádio, de televisão, vitrolas, geladeiras, aspiradores de pó, máquinas de lavar roupas, enceradeiras elétricas de preços inferiores aos dos seus vizinhos, vivem num estado de permanente neurastenia, tendo-se em conta de deserdados da fortuna, maldizendo os pais que lhes não deixaram herança, os governos ou as empresas particulares que não lhes pagam "o suficiente", e maldizendo a si mesmos porque não foram capazes de "dar golpes", e arquitetar negociatas, mercê das quais pudessem ombrear com aqueles e aquelas que aparecem resplendentes nas páginas das revistas da sociedade em fotos impressas sobre papel couchê.

* * *

Verificando, entretanto, o Capitalismo que, mesmo subjugando as multidões de compradores às quais impinge as séries de seus produtos, ainda precisa vender mais, adota duas providências: 1.º) O mesmo carro, a mesma máquina, são lançados cada ano em novo tipo. A diferença está às vezes num parafuso, numa alavanca, num vidro, num pequeno pormenor. O possuidor do tipo 1953 tem vergonha de se apresentar diante do possuidor do tipo 1954. O dono do tipo 1952 sente-se extremamente diminuído. Os dos anos anteriores sofrem na carne uma dessas dores só comparáveis às do homem cuja mulher prevaricou ou cujo filho deu desfalque num Banco. Não há maior degradação, maior prova de decadência do que usar em 1954 alguma máquina de 1944. E temos, assim, novas corridas atrás de novos tipos, novos desesperos, novas promissórias descontadas, novos subornos, novas roubalheiras para um indivíduo não ficar desonrado em face de uma sociedade que só dá valor aos apêndices mecânicos e indumentárias do homem, e nunca ao Homem-Homem, ao Ser Racional, à criatura de Deus, cuja medida do quilate, do peso específico, deve estar na sua capacidade de honradez, de trabalho, de modéstia e de espiritualidade. 2.º) O material empregado nas máquinas, nos artefatos, nos

instrumentos diversos deve ser de pouca duração. A sua resistência é calculada para um prazo que obrigue a nova compra. O principal é vender. Cumpre ainda — e isto é o mais importante para o Capitalismo — criar uma psicologia de esbanjamento. Essa é facilitada nas épocas de inflação, de desvalorização, dia a dia, da moeda de um país de economia desorganizada. Gastar, e gastar o mais possível, eis o que o Capitalismo impõe aos seus vassallos, chamados compradores. Que vale um boi para quem tem sete fazendas? As sete fazendas são para os menos desonestos, sete promissórias ou sete "papagaios" dependurados, e para os menos honestos, sete negociatas, ou sete subornos, ou sete gorjetas, numa palavra: sete patifarias.

O Capitalismo, adquirindo a alma negra de Shilok, de Harpagão, de Grandet, coloca na mesma balança o sábio e o argenteiro, o santo e o granfino, o herói e o especulador. O Capitalismo subverteu a ordem do mundo. E como tudo se subordina às coisas materiais, com ausência total da beleza e da grandeza dos padrões da vida simples, as massas humanas, adotando igual critério, clamam, com absoluta lógica, e perfeito espírito de justiça (dentro do materialismo dominante) pela subversão de uma ordem social de monstruosas desigualdades, em que muitíssimos gastam numa noite o que alimentaria uma família num ano, ou despendem num quadro futurista idiota ou num vestido de baile aquilo que resolveria o problema de muitos desgraçados.

Não falamos ainda — o que poderá ser objeto de um capítulo especial, nas mil formas de especulação do Espírito Capitalista, entre as quais a especulação imobiliária. Os preços dos aluguéis das casas e apartamentos são astronômicos. Isso obriga famílias numerosas a habitar em cubículos sem ar (é preciso aproveitar o espaço para o capital render...) e numa promiscuidade como aquelas descritas por Zola no *Germinal* e pelos que fizeram narrativas a respeito da vida russa sob o bolchevismo, entre as quais o acúmulo de habitantes num mesmo quarto ou casa.

Quer dizer que o Capitalismo está fazendo a mesma coisa que faz o Comunismo na Rússia... As classes média e sub-média, comprimidas pelos preços dos aluguéis, procuram adquirir uma moradia, pagando uma prestação mais ou menos equivalente ao aluguel dos cubículos onde moram. Então, encontram dois tipos de apartamentos: os de preço superior a um milhão de cruzeiros, onde afinal a família se comprimiria; e os constituídos por uma sala, um quarto e uma limitadíssima cozinha.

O Capitalismo constrói para garçonnières. A hipocrisia fechou o degradante comércio da prostituição, mas facilitou as transações sexuais multiplicando o número de apartamentos onde cavalheiros podem repousar algumas horas como se estivessem na ilha da Cítera, de sorte que os pais de família, acumulando-se com os filhos e filhas, como sardinhas em lata, contam com ótima vizinhança, cujas relações podem ser utilíssimas para desencaminhar mocinhas de colégios ou de repartições e para mostrar aos rapazes como é que as coisas se fazem...

O tema exige muitas páginas. Paremos, por agora, nestas considerações, diante das quais pergunto aos meus leitores: existe algum comunista que seja mais comunista do que o Capitalismo, neste mundo ocidental que se está decompondo aceleradamente?

Nota:

[1] Extraído de: *Mensagem às Pedras do Deserto*, s/d, in *Obras Completas*, São Paulo, 1954, Vol. 15, pág. 225).

Capitalismo e Comunismo

(1933)

A identificação do Capitalismo com o Comunismo é uma consequência lógica do exame que fizemos:

- 1.º) Da identidade das suas origens filosóficas;
- 2.º) Da identidade das suas origens econômicas;
- 3.º) Da unidade de direção no processo de desenvolvimento;
- 4.º) Da unidade do objetivo final.

Examinemos, um a um, estes pontos e chegaremos à conclusão de que não é possível combater o Capitalismo sem combater o Comunismo, do mesmo modo que não é possível combater o Comunismo sem combater o Capitalismo. Pois tanto um como outro não passam de uma só cabeça, com duas caras, cabeça ligada ao mesmo corpo, que é o materialismo, a subordinação do Espírito Humano à brutalidade das forças cegas da Natureza, ou melhor, de uma das faces da Natureza, isto é, a material.

Assim, vejamos.

IDENTIDADE DE ORIGENS FILOSÓFICAS

O Capitalismo é uma consequência do Liberalismo. O Liberalismo é o império do Individualismo. O Individualismo é o rompimento com todas as disciplinas morais capazes de compor equilíbrios na sociedade, de acordo com os interesses superiores do Espírito.

Por consequência, o Individualismo é o Materialismo. E a prova de que o Individualismo é o Materialismo é o fato dessa concepção de vida ter tido como fonte os postulados epi- curistas, estoicistas ou naturalistas que constituíram toda a trama do pensamento dos fins do século XVIII, da Enciclopédia e da Revolução Francesa.

O "homem natural" de Rousseau é o índice de todo o Individualismo que gerou o Liberalismo. Se o Homem devia ser "natural", era lógico que a Economia fosse também "natural" e que nenhuma força interviesse, nem nos movimentos do Homem, nem nos da Economia. Tudo deveria ser subordinado às próprias leis da matéria.

Foi segundo esses princípios materialistas que a Burguesia se desenvolveu, como instrumento passivo nas mãos da Finança Internacional.

Lançada a luta livre no mundo, fechadas as corporações operárias, proibido o Estado de intervir nos fenômenos da produção, da circulação, da distribuição e do consumo das mercadorias, começou a verificar-se o que seria inevitável: os fortes a oprimirem os fracos.

A liberdade contratual, dando direitos e poderes a cada indivíduo para propor e aceitar salários, colocou o operário, isolado e fraco, diante do patrão imensamente forte. Coagido pela concorrência de outros operários, o ofertante de "trabalho" via-se na dura

contingência de subordinar-se à oscilação dos preços. O "trabalho" foi transformado em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura.

A livre concorrência, no campo comercial, conforme observa Marx, que é um sistematizador burguês, levava os detentores dos meios de produção a cortarem os salários e aumentarem as horas de trabalho. Essa dupla luta de cada produtor, de um lado com o seu adversário e do outro com os seus assalariados, determinava a derrota dos que apresentavam menores possibilidades de resistência e adaptabilidade.

Sendo injusta, imoral, semelhante situação, o Capitalismo precisou de arranjar uma justificação. Esta encontrou seus fundamentos no materialismo. O estudo da evolução natural abriu novos horizontes à brutalidade do Capitalismo. Enquanto Haeckel explica a origem da vida no mistério das "moneras", enquanto Darwin desenvolve a teoria do "struggle for life", que justifica o triunfo do forte, do mais apto sobre o fraco, Spencer, com extraordinário poder construtivo, sistematiza as grandes linhas do Evolucionismo, estabelecendo os seus "princípios" e acompanhando as manifestações da "matéria" e da "energia", desde a nebulosa às sedimentações geológicas, e desde os primeiros fenômenos vitais até à Sociologia, à Política e ao Direito.

Spencer é o filósofo da Burguesia e do Capitalismo inglês, como Adam Smith é o economista do liberalismo nacionalista da Grã-Bretanha. A palavra mágica, tanto para um como para outro, é a mesma de Darwin: a luta.

Nada mais natural para uma concepção materialista da vida. Nada mais lógico, para uma época em que o naturalismo levou ao experimentalismo e este à consideração unilateral dos fenômenos.

A palavra cabalística do século XIX, diz Farias Brito, foi: "evolução". Acho que poderemos acrescentar a essa palavra, esta outra: "luta".

Só o Espírito une. A matéria divide. Por isso o Individualismo e o Liberalismo, filhos do Materialismo, lançaram as mais tremendas lutas sobre a terra. No campo da política, a luta dos partidos; no geográfico, a luta das regiões; no étnico, a luta das raças; no da produção, a luta da classe; no comercial, a luta da concorrência; no econômico-financeiro, a luta da moeda com a mercadoria; no internacional, a guerra imperialista.

Nem se diga, simplesmente, que essas lutas existiram sempre, porque isso seria confessar a falência de um século, de todo o orgulho da sua ciência e da sua filosofia. Porque o fato é que as velhas lutas de que nos deveríamos libertar, num estágio superior de civilização, foram agravadas e a elas o Materialismo acrescentou outras mais cruéis.

Era lógico, portanto, que Karl Marx, o fundador do comunismo, sendo um burguês e filho do século XIX, imprimisse à sistematização da sua obra o mesmíssimo timbre da filosofia burguesa, que é a filosofia da luta estúpida e cega do materialismo justificador dos triunfos dos fortes sobre os fracos.

Essa identidade de pensamentos, de concepção de vida, que se surpreende no Marxismo e no Capitalismo Liberal, ambos subordinados às leis inerentes a um aspecto isolado da Natureza, revela, também, no Comunismo, que tantos acreditam ser a doutrina "da moda", o caráter inconfundível do século passado: unilateralidade. É por isso que Henri de Man afirma que o Marxismo não passa de "uma forma particular de uma

mentalidade geral própria do século passado". Basta, aliás, ler as reflexões de Sorel para se ter presente, no espírito do sindicalismo revolucionário em que também se baseou Lênin, a identidade do pensamento darwiniano, do pensamento burguês dominante em todas as teorias da Evolução.

No tocante a Marx, a própria "dialética" de Hegel, que é o dínamo propulsor da sua doutrina, é uma concepção cujo sentido dualista de luta se apresenta com um caráter marcadamente século XIX.

Hoje, que a lei da gravitação de Newton, em cuja expressão expositiva se encontra o caráter da época da dialética, cede lugar a uma nova concepção dos movimentos; hoje, que as velhas concepções do Espaço e do Tempo cedem lugar a uma compreensão nova dos ritmos universais, desde Henri Poincaré; hoje, que vamos encontrar, no recesso dos átomos, não apenas a negação da Matéria, mas a unidade das leis universais e a unidade da Energia, nós, homens do século XX, sentimo-nos muito mais próximos de Aristóteles (a unidade diferenciada e o equilíbrio universal), do que dos filósofos materialistas dos quais procede, como uma flor da burguesia crepuscular, — o Marxismo.

O que não se pode negar é a identidade absoluta do Marxismo com a filosofia burguesa, criada para oprimir os humildes e justificar a exploração do homem pelo homem. O que é fora de dúvida é que o Capitalismo e o Comunismo não passam de palavras diferentes para designar a mesma coisa: a brutalidade da violência, o materialismo grosseiro.

IDENTIDADE DE ORIGENS ECONÔMICAS

Acaso o Marxismo se rebela contra a Economia Burguesa? Acaso o Comunismo se revolta contra o Capitalismo? Se a filosofia comunista é a mesma que a capitalista, como se acaba de ver, como pode engendrar o comunismo uma economia nova?

Mas, acaso, uma Economia Nova é anunciada pelo Comunismo? Mas, então, ele renega as "leis naturais"?

Se nega, deixou de ser materialista e passou para o campo da ética espiritualista.

Se não nega, então não é revolucionário, como se apregoa, pois submete-se a uma concepção de vida que pertence, em primeira mão, ao Capitalismo e à Burguesia.

O Comunismo pretende dar fundamento moral à Economia? Mas então reconhece que a Economia não pode subordinar-se ao materialismo naturalista? Nesse caso, o Marxismo está renegando os seus próprios fundamentos, isto é, o decantado "materialismo histórico".

O Comunismo objetiva uma "justiça social"? E pretende realizá-la sob o império das "leis naturais"? Perguntamos: qual é a moral das "leis naturais"? Qual o interesse de justiça social das "leis naturais", desde que se abstraíam as idéias de Deus e do Espírito? Qual o interesse de justiça social das "leis naturais"? Se pegarmos numa corrente elétrica de muitos volts, as leis naturais obedecerão a um princípio de justiça? Ou só será fulminado aquele que o merecer? O Comunismo acha que pode haver interferência do Homem, segundo o seu interesse, nas "leis naturais" da Economia? Mas isso é negar

todo o velho determinismo da Evolução e do Materialismo oficial onde o Marxismo se abeberou.

* * *

A verdade é que o Marxismo não passa de um capítulo acrescentado à Economia Burguesa. E é o próprio Marx quem o confessa, declarando que não nega as leis que foram sendo descobertas, desde os fisiocratas, mas a elas vem acrescentar outras que ele descobriu. Ele é um continuador de Adam Smith.

Marx descobre algumas leis novas, sendo a fundamental do seu sistema a da "mais valia". É um continuador dos burgueses evolucionistas e materialistas. Preocupa-o a precipitação do processo evolutivo do Capital. Pede, então, emprestado a um outro burguês, Hegel, o seu processo dialético. A sua "filosofia de ação" é uma beberagem onde se misturam todas as tisanas filosóficas do século XIX. A sua Economia é a subordinação aos mesmos princípios da Economia Liberal Burguesa.

Pensando bem, a obra de Marx é a apologia do Capital. É absoluta a identidade de propósitos do Comunismo e do Capitalismo. O Comunismo é, apenas, mais apressado. O Capitalismo, através dos seus teorizadores, cala as suas intenções secretas. O Comunismo revela as intenções secretas do Capitalismo e propõe-se executá-las.

O Capitalismo quer o triunfo dos mais fortes, na lei da concorrência. Um a um, serão absorvidos os lutadores. Chegará ocasião em que dois ou três financistas terão proletarizado todo o gênero humano.

Marx sabe que esse é o fim do Capitalismo e quer, não contrariá-lo, mas apressá-lo o mais possível.

O Capitalismo pretende que um dia os técnicos da Finança governem o mundo, absorvendo todas as autoridades morais, sociais, artísticas, políticas. E o Comunismo não quer outra coisa. Tudo será subordinado à Economia.

O Capitalismo é internacional; o Comunismo é internacional. O Capitalismo quer escravizar todos os povos; o Comunismo também.

O Capitalismo, através da usura, do jogo da bolsa, das oscilações do câmbio, atenta diariamente contra o princípio da Propriedade; o Comunismo prega abertamente contra esse princípio.

E tudo isso por quê? Porque Capitalismo e Comunismo são dois nomes para designar a mesma coisa: o Materialismo.

UNIDADE DE DIREÇÃO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

Daí a prodigiosa unidade de direção no processo de desenvolvimento, tanto do Capitalismo como do Comunismo.

O Capitalismo, agindo internacionalmente, provoca as crises da Produção e do Consumo. O Comunismo, aproveitando-se dessas crises, incita a revolta dos vencidos.

O Capitalismo, controlando a moeda de todos os povos, provoca as crises do poder aquisitivo, que determinam a superprodução das mercadorias de um lado, e a incapacidade de comprar dos miseráveis. O Comunismo aproveita-se dessas circunstâncias, instiga a rebelião das massas sofredoras.

O Capitalismo determina a baixa da produção e conseqüentemente o excesso de braços, de desempregos, de teor de salários. O Comunismo, aproveitando-se da situação, provoca as greves e a mais rápida desorganização do aparelhamento econômico dos povos.

O Capitalismo, escravizando os governos, inibe-os de agir contra o Comunismo; este, servindo-se dessa ótima posição, desenvolve-se à vontade.

O Capitalismo, endividando os governos, determina o escorchamento do povo pelos impostos. O Comunismo, aproveitando-se do desespero do povo, provoca revoluções de caráter liberal-burguês, que facilitam a confusão num país.

O Capitalismo promove as guerras. O Comunismo age nas retaguardas.

O Capitalismo cria cada vez mais necessidades de gozo, de prazer, dificultando, ao mesmo tempo, a sua posse. O Comunismo instiga a revolta de todos os que assistem ao espetáculo de orgia da civilização burguesa.

O Capitalismo, despertando a luta pelos interesses materiais, mata no homem toda a espiritualidade. O Comunismo, encontrando este estado de consciência, age destruindo os últimos resquícios do que há de nobre e espiritual no homem.

O Capitalismo, através da luta violenta de interesses que deflagra, fomenta o egoísmo, e o egoísmo enfraquece as forças nacionais. O Comunismo aproveita-se dessa situação e desorganiza toda a sociedade.

O Capitalismo, através dos negócios em que tomam parte os políticos, mantém a seu bel-prazer as lutas partidárias. O Comunismo, vendo os partidos distraídos na sua luta mesquinha, age livremente.

O Capitalismo governa o câmbio e o preço das mercadorias e dos salários. O Comunismo governa os sindicatos e as greves.

O Capitalismo e o Comunismo, de mãos dadas, lutam pelas liberdades licenciosas, atmosfera propícia para o seu desenvolvimento.

Uma revolução da Burguesia chamar-se-á sempre "Aliança Liberal" e na sua retaguarda marcham os comunistas.

Uma revolução comunista chamar-se-á "Aliança Libertadora" e na sua retaguarda marcham os burgueses liberais.

O Capitalismo e o Comunismo, pois, pela unidade de direção no processo de seu desenvolvimento, não passam de duas palavras para significar a mesma coisa: o

materialismo grosseiro desejando o mesmo clima político; a licenciosidade e a anarquia, a falsa liberdade que atenta contra a verdadeira liberdade cristã.

Nota:

Extraído de: *Madrugada do Espírito*, Obras Completas, Vol 7, pág. 399.

O Diálogo dos Atlantes

Em fins de 1931, o sr. Laval, primeiro ministro francês, partiu para os Estados Unidos, a fim de conferenciar com o sr. Hoover, chefe do governo norte-americano. A humanidade assistiu ao diálogo entre a França e os Estados Unidos.

Esse encontro teve, sem exagero, o sentido profundo de uma tragédia esquiliana.

A luta do homem contra a conjuração das fatalidades constitui o espírito do velho teatro grego, que exprimiu, tão ao vivo, a vibração da consciência dos povos da antigüidade, arrastados todos como títeres aos conflitos em que a imprescritível vontade dos deuses traduzia a inamovibilidade das forças naturais no embate com as superiores diretrizes do espírito humano.

A conversação entre a França e os Estados Unidos assume um caráter de intensa vibração dramática, pela inutilidade de todas as tentativas, pelo gesto perdido de todos os esforços, no sentido de remover a tempestade que se está formando no horizonte das nações.

* * *

A tormenta vem se preparando desde o dia em que os governos começaram a perder gradativamente o "controle" das forças econômicas.

Os governos, representando a soberania nacional, formavam-se pelo funcionamento da grande máquina da vontade geral.

A vontade geral não exprimia uma realidade orgânica, mas uma realidade simplesmente teórica, baseada no conceito do individualismo. A índole do sufrágio universal vai buscar sua origem na redução de todos os interesses à expressão de um único interesse: o da manutenção das mais amplas liberdades através das quais o indivíduo possa largamente se expandir.

A soberania nacional, provindo desse princípio, tem de representar um *lugar comum*, que não venha colidir em nenhuma oportunidade e de nenhuma forma com os interesses de expansão do indivíduo. De sorte que os governos emanados da vontade geral têm a sua ação reduzida aos próprios limites, determinados pelo pensamento essencial que demarca a capacidade interpretativa dos fenômenos sociais.

Essa capacidade interpretativa, se é ampla no sentido da generalidade do sufrágio, é extremamente restrita, no sentido da intromissão nos negócios públicos, do *caráter humano* do eleitor.

O sufrágio universal é *extensivo* no seu exercício e na sua finalidade teórica; mas é *restrito* na sua significação, como é *vago* na sua finalidade prática.

O sufrágio universal abrange os horizontes mais amplos, mas apenas toca à superfície dos terrenos que abarca.

Pois sendo profundamente individualista, ele compreende a *maior soma* de indivíduos e os projeta no único plano em que se pode homogeneizar a Opinião, que é o plano vago, indistinto, da liberdade do pensamento, da sua livre manifestação.

Ora, nesse plano, respeitados todos os pensamentos, como índices de liberdades individuais, chegamos a uma conclusão curiosa: tais pensamentos, ou co-existirão, anulados uns pelos outros, ou um deles se imporá, o que será a negação da liberdade e da individualidade dos vencidos.

O Estado Liberal, portanto, partindo da aceitação do princípio da mais completa liberdade, expressa pela vontade geral e traduzida na soberania nacional, chega ao seguinte dilema:

- ou trair a sua própria tese, se deixar predominar uma determinada vontade sobre as demais vozes que o sufrágio interpreta;
- ou manter-se sem finalidade prática, inibido de oferecer soluções aos problemas em que entram em choque as diferentes correntes da opinião.

* * *

Cumprе notar que o que nós chamamos as "correntes de opinião" se encontra hoje sob a influência magnética de dois pólos:

- os interesses dos detentores dos meios de circulação das riquezas (banqueirismo internacional)¹;
- e os interesses artificialmente postos em choque pelos marxistas a serviço do capitalismo internacional, isto é: 1.º) os interesses das classes trabalhadoras; 2.º) dos dirigentes técnicos.

Por mais que se subdividam os partidos da "direita" e da "esquerda"; por mais que se multipliquem as facções "centristas", todos agem sob a influência de um único problema: o da chamada "luta de classe".

Ora, o Estado Liberal não quer conhecer a "luta de classe".

Não quer, justamente porque os poderes que lhe outorga o mandato emanado do sufrágio universal são vagos e indefinidos.

Esses poderes não provêm do cidadão considerado como "homem integral", e sim do cidadão considerado como "indivíduo votante".

Pois a democracia toma o indivíduo, teoricamente, como instrumento de função política, sem outra finalidade senão a de construir governos representativos da soberania nacional.

Não lhe interessa o indivíduo global, na sua trílice afirmação, como personalidade moral, como fração de classe e como expressão cívica.

Só esta última é apreciada pela democracia e é dessa feição que decorre o caráter dos governos.

Nestas condições, os governos não têm poderes para se imiscuir senão nos lineamentos gerais garantidores das mais amplas liberdades.

Conseqüentemente, as forças econômicas se organizam à revelia do Estado. Agem livremente no mundo, sem disciplina em seus movimentos e nas suas diretrizes.

Os governos perderam todo o "controle" dessas forças. Elas suprimiram a deficiência dos governos, criando a sua própria autoridade, que é internacional e tem assento na City e na Wall Street, nas Bolsas e nos Bancos mundiais, nos "bureaux" das grandes companhias.

O mundo não é governado pelos governos, e sim pelas "praças".

A grande crise do mundo é a crise da autoridade.

* * *

Na Europa, ainda fumegante sob as cinzas da Grande Guerra ateadas pelo super-banqueirismo e pelos fabricantes de armas, o mundo assistiu ao drama do fracasso de Wilson.

Era o fracasso da Democracia, em face do instinto de conservação e o terror recíproco dos povos, manobrados pelos detentores do poder e da soberania financeira do mundo.

Muito mais tarde, no desequilíbrio universal, assistimos à cena da conversação entre Laval e Hoover, dois fantoches da liberal democracia tentando reagir contra os elementos conjurados para a destruição do mundo.

Quando Laval partiu para os Estados Unidos, um jornal de Paris escrevia:

"Que poder tem, constitucionalmente, o sr. Laval para comprometer as finanças da França?

Nenhum poder.

Que poder tem, constitucionalmente, o sr. Hoover para tomar compromissos sobre as finanças dos Estados Unidos?

Nenhum poder.

Que competência particular tem o sr. Laval para ir falar da situação econômico-financeira?

Nenhuma competência.

E o sr. Hoover, cujas previsões têm sido invariavelmente desmentidas, pelos acontecimentos, que qualidades possui para propor remédios?
Qualidade alguma".

* * *

Essas perguntas exprimem admiravelmente a situação dos governos do mundo, em face dos grandes interesses em jogo. A dificuldade em que se encontram hoje todos os povos se origina, exclusivamente, da falta de disciplina internacional, do trabalho e da produção. Os estoques estagnados, sem possibilidade de financiamento, são ainda uma pequenina parcela do que os povos podem produzir, para se abastecerem largamente.

Entretanto, a produção, ameaçada, paralisa. Porque não há portadores de dinheiro para consumir. Há estômagos, mas não há consumidores!

Há necessidade de produzir mais, muito mais do que atualmente se produz; porém, não há possibilidade de intercâmbios intensos, não há crédito, não há dinheiro.

Nunca foi tão grande a fartura e nunca foi tão grande a miséria!

Nunca foi tão necessário o trabalho e nunca foi mais inútil o trabalho!

Nunca os meios de comunicação se tornaram tão fáceis para o transporte de mercadorias; e nunca esses meios de comunicação se tornaram tão supérfluos, quando as nações fecham os portos, através das guerras aduaneiras!

Essa é a situação do mundo; e, sob os trágicos elementos desencadeados das desconfianças e dos pavores recíprocos, a luta dos homens que têm sobre seus ombros a responsabilidade dos destinos universais, assume as proporções de um grande drama impressionante.

Os governos perderam a autoridade.

O mundo pesa, mais do que nunca, sobre os ombros dos novos Atlas.

Porque falta aos heróis de hoje a força que provém de uma concepção de finalidade do Estado.

Finalidade de aperfeiçoamento e de justiça humana, que deve sobrepor às contingências dos interesses materiais das classes em conflito, que inspiram o roteiro das Nações.

É preciso destruir a *direita reacionária*, como a *esquerda* que se diz *revolucionária*.

Destruir todos os partidos intermediários do *centro*, velhos oportunistas e charlatões.

E realizar, na finalidade superior do Estado, a verdadeira finalidade do homem integral, pequeno mundo em si mesmo e parte do mundo na Nação; ser essencial, como

personalidade, e ser contingente, como fator de produção, de riqueza coletiva e de grandeza nacional.

Pois é dessa concepção do Homem e do Estado que virá a concepção do Governo capaz de disciplinar, de dirigir e de equilibrar o mundo.

Nota:

[1] Extraído de: *O Sofrimento Universal*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1934 - São Paulo, pág. 93.

Imperialismo e Democracia

Quando se fala em imperialismo econômico não se deve conceber a idéia de uma determinada nação, organizada de modo a sugar de outras todos os elementos de vitalidade, através de transações comerciais, a fim de converter aqueles elementos absorvidos em novas expressões de Força e Poder de caráter nacional.

O imperialismo, sendo uma organização que se estrutura dentro de um país, nem por isso é uma expressão política desse país. As condições favoráveis do meio, a questão das matérias-primas, dos combustíveis, o grau de desenvolvimento técnico do proletariado, a maneira como estão dispostas as forças do Capital, tudo isso influi para que se arme num país, com maior ou menor potência, o imperialismo absorvente. Ele representa o início da fase final da evolução capitalista.

Os grandes "trusts", monopólios, sindicatos, bancos e companhias constituem forças poderosas agindo dentro do Estado, com a plena liberdade que lhes outorgam os princípios fundamentais da economia clássica, oriunda dos fisiocratas e da Revolução Francesa.

Essas expressões do imperialismo econômico servem-se do Estado para os seus fins, influem na estruturação das leis de um país, nas diretrizes de sua política exterior, na consagração de certas teses de direito que consultam as conveniências dos grupos financeiros.

Mas, na realidade, o imperialismo econômico não tem Pátria, ao contrário do que erradamente se pensa, quando se fala em imperialismo inglês, imperialismo norte-americano, etc.

As forças econômico-financeiras, que se desenvolvem livremente no seio das democracias, os agentes da expansão industrial e comercial usam apenas das Nações em que se acham instalados, como de instrumentos políticos necessários aos seus fins, pois é através de certas fórmulas inerentes ao conceito da soberania nacional que essas forças e agentes encontram maior facilidade de agir, desde o tratado comercial e as convenções aduaneiras, à obtenção de favores alfandegários, de privilégios e concessões e, finalmente, desde os pactos e alianças internacionais até as operações militares e a guerra.

O imperialismo econômico, portanto, não deve ser considerado como expressão de uma nacionalidade, mas como uma força internacional ocasionalmente instalada num país, explorando até os sentimentos mais nobres de um povo e suas próprias aspirações idealistas e espirituais.

* * *

No fim do Feudalismo, as Monarquias serviram-se das forças do capitalismo para armar exércitos e impor à tendência desagregante dos feudos o imperativo da centralização.

Ficou assim lançada a semente da crise do Estado, que viria ressurgir mais aguda depois da Revolução Francesa, para fundamentar os princípios mediante os quais, durante todo o século XIX, o poder econômico se desenvolveria formidavelmente à revelia do poder nacional, subjugando os governos aos banqueiros, os destinos da economia pública aos caprichos da economia particular, para entrar, finalmente, em pleno século XX, na marcha franca para o unitarismo da concepção marxista.

O imperialismo econômico, portanto, que não tem Pátria nem Deus, que subordina o personalismo ao individualismo e

este ao coletivismo, é hoje o grande impulsionador das forças econômicas universais no sentido materialista do seu absoluto predomínio em face do Estado, que ele pretende aniquilar.

A curva que descreve o capitalismo conduz ao mesmo ponto visado pela marcha retilínea através da qual o comunismo pretende operar a precipitação do processo histórico.

Dessa identidade de idéias, de sentimentos e de fins desnacionalizantes, origina-se a mesma aspiração política das duas correntes (capitalismo e comunismo). Essa aspiração é a liberal democracia.

* * *

Só esse régimen convém aos representantes dos "trusts", monopólios, sindicatos, bancos e companhias; aos interesses internacionais do capitalismo; aos interesses pessoais da avaréza e da ambição sórdida. Porque esse é o régimen das máximas liberdades, para todas as negociatas, para todas as opressões contra o proletariado, para o predomínio dos plutocratas, dos potentados, dos que influem nas leis e decidem das guerras e usufruem o proveito material do sangue derramado nas fronteiras, como aconteceu na Conflagração Européia.

E, também, só esse régimen convém aos adeptos do marxismo, porque esse régimen, abandonando as forças da produção ao seu próprio destino, não permitindo praticamente ao operário que ele se represente nas assembléias — pois pelo sufrágio universal só se elegem os ricos, os medalhões ou os demagogos anarquistas —, conservando-se alheio à exploração do Trabalho transformado em mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura, assiste impassível e impotente ao desespero das massas sofredoras.

O liberalismo entra, por conseguinte, no plano darwinista de Sorel, quando preconiza, no seu livro *Reflexões sobre a violência*, a franca expansão da burguesia.

O Estado liberal-democrático é o que convém ao imperialismo internacional, seja o norte-americano, seja o inglês, pois ele terá mais facilidade de agir por intermédio das forças desnacionalizantes do comércio quando este desintegrado das finalidades nacionais.

Esse imperialismo que já nos escravizou depois de um século de exploração miserável, estende, cada vez mais, as suas garras sobre nós. A sua influência é sutil e profunda. A sua finalidade é materialista e desnacionalizadora. E estamos hoje entre dois fogos: Londres-Nova York e Moscou.

* * *

A campanha comunista, fingindo-se anticapitalista, tem por fim desorganizar as forças de produção nacional, de modo a nos submetermos, cada vez mais, ao imperialismo financeiro dos magnatas do ouro. Estamos ameaçados pelas duas bestas apocalípticas: Rothschild e Trotski. Ambas trabalhando surdamente pela nossa desagregação, pela nossa maior confusão, espetáculo doloroso de povos decadentes.

O capitalismo internacional fomenta secretamente as tendências separatistas, para enfraquecer a Nação. O comunismo russo incute no espírito das massas que a Pátria não passa de um convencionalismo. Perdemos, assim, dia a dia, a nossa resistência nacional. Avança, desse modo, dia a dia, a influência do supercapitalismo.

Todas as Pátrias sofrem hoje a pressão dessas duas forças.

No Brasil, estamos atravessando uma crise sem precedente e uma angústia social que fala nos orçamentos de todos os lares com a eloquência acabrunhadora dos déficits.

Nunca se reclamou do povo brasileiro maior fortaleza de ânimo. E nunca também se exigiu tanto dos homens que têm uma parcela de responsabilidade entre nós, um maior desprendimento, maior heroísmo nas atitudes e decisões.

Nota:

[1] Extraído de: *O Sofrimento Universal*, ed. cit., pág. 105.

O Penúltimo Parceiro

O Departamento de Estatística do Tesouro Norte-americano informou à imprensa, em 1931, que o número de milionários nos Estados Unidos baixou de 643, em 1929, a 139 naquele ano.

No laconismo do comunicado exprime-se todo o fenômeno social do grande país ianque.

Evidentemente, numa época de retraimento e desconfianças, em que os detentores do ouro procuram armazená-lo, retirando-o da circulação para os cofres dos Bancos, o fenômeno da diminuição do número dos milionários não obedece a um ritmo de distribuição determinado pelo movimento dos negócios.

Seria explicável, até certo ponto, que as somas amealhadas em alta escala e detidas por indivíduos isolados se difundissem através da oscilação das transações, dos fracassos de empresas, ou da própria prodigalidade dos ricos, indo fracionar-se em novas células geradoras de novas acumulações.

Enfim, seria natural, intensificadas que fossem as operações comerciais, que as fortunas se subdividissem, se espalhassem. É esse um fenômeno de reação natural, que proporciona o equilíbrio das riquezas, sob o signo arbitrário da sorte dos negócios, nas épocas de relativa prosperidade.

* * *

Esse jogo do dinheiro, esse vaivém dos capitais efetiva-se de uma maneira tão sugestiva nas quadras normais, que chega a iludir quantos queiram apreender o sentido mais profundo da evolução capitalista, entregue às leis naturais e propiciada pelos amplos conceitos de liberdade que estruturam a base dos regimens democrático-burgueses.

Entretanto, a marcha inexorável do Capital, que desconhece toda e qualquer autoridade e exerce o seu predomínio e o seu fascínio arrebatador sobre o panorama da nossa civilização, é do deslocamento das riquezas de pluriproprietários para o menor número de detentores, como será um dia, do menor número de detentores para o detentor único, isto é, o Estado Capitalista.

A linha geral do desenvolvimento do Capital traçada por Karl Marx está hoje se tornando bem nítida. Os dados estatísticos fornecidos pelo Tesouro dos Estados Unidos são bastante eloqüentes para que nos convençamos de que o perigo comunista do mundo contemporâneo não se acha nas massas proletárias, mas na própria política da burguesia capitalista.

Sabendo, como sabemos, da desconfiança que impera hoje sobre todos os espíritos na América do Norte, o que já ocasionou, só de uma feita, a quebra de 2.200 bancos, pela retirada de depósitos que fogem de uns para outros, é fácil imaginar-se que não pode, de maneira alguma, ter subido o índice de transações comerciais através das quais se processa a distribuição e redistribuição normal das riquezas. O volume de negócios

diminuiu em Norte América. Diminui, dia a dia, o número de empresas que inspiram confiança ao grande e ao pequeno capitalista.

A paralisação dos capitais é evidente.

Ora, nestas condições, o natural seria também que o número de milionários não diminuísse, que ficasse onde estava. E, ao contrário, a casta vai minguando...

* * *

Como explicar esse fenômeno?

Julgamos que ele se explica pela tese oposta aos dias de prosperidade e de jogo de negócios.

A difusão do dinheiro e de todos os valores móveis e imóveis, através do movimento das transações em épocas de excesso de negócios, é um fenômeno de saúde, de circulação e respiração do organismo social. É um como que revesamento de detentores que, no seu aspecto dinâmico, ilude ao observador do ritmo inexorável do capitalismo.

Pode, nesse caso, diminuir o número de milionários, mas aumenta o número dos que estão em caminho de se tornarem milionários. É como que uma época de sementeira. São os períodos das iniciativas de toda a sorte padronizando um tipo geral de prosperidade.

Ao contrário, o que se dá hoje, nos Estados Unidos, é como que uma seleção natural pela capacidade de resistência. É um fenômeno de revisão de valores subordinado ao imperativo do ouro.

O que está em crise, verdadeiramente, não é o comércio nem a produção que a este alimenta. O que está em cheque é a capacidade elástica do ouro para acompanhar o desenvolvimento dinâmico da produção e do consumo [1].

É um ciclo de civilização que se fecha e em que a eficiência da máquina e a facilidade dos transportes e das comunicações se adiantou demasiadamente, esgotando a capacidade de aquisição e de crédito das massas que têm, entretanto, a capacidade de consumo centuplicada.

Incapaz de acompanhar a marcha do mundo moderno, o ouro retrai-se.

Como consequência desse retraimento, processa-se uma liquidação automática em que sucumbem os mais fracos. Todos os que não estabilizaram suas fortunas em ouro, ou valores ocasionalmente sólidos, e as puseram no serviço das grandes aventuras, têm de fracassar.

E, assim, os meios de produção caem, fatalmente, nas mãos dos que ainda puderam fazer o "jogo do ouro". Esse é o aspecto da grande batalha.

Não se trata mais de uma vasta e brilhante batalha no campo raso dos negócios; é uma estratégia de cerco.

As cidadelas do crédito e das possibilidades de transações estão sitiadas. Ou os seus recursos são suficientes para sair a campo e conquistar novas áreas de crédito, ou terão de se render como míseras bastilhas ante a pressão exterior.

* * *

Caem, um a um, os milionários.

Vai rareando a casta.

Os mais rijos, entretanto, ficarão. O mundo pertencerá ao que se levantar por último da mesa do grande jogo.

Por isso, o perigo do capitalismo único, do capitalismo de Estado, do capitalismo como finalidade da existência, do capitalismo mecanizador da sociedade e bolchevizador das massas, numa palavra, o perigo do comunismo, não está entre os "poetas", que são os que se sacrificam na propaganda do credo vermelho.

Pois, enquanto estes se sacrificam, o capitalismo internacional age.

Age com segurança, com firmeza. O capitalismo é o grande bolchevista.

E a proletarização universal, a escravização definitiva dos povos se dará quando, diante do pano verde dos negócios, se levantar, batido e humilhado, o último parceiro.

Notas:

[1] Estas considerações foram publicadas na "A Razão", muito antes, portanto, da revolução econômica de Roosevelt e da quebra do dólar. (Nota do Autor, em 1935).

[2] Extraído de: *O Sofrimento Universal*, ed. cit., pág. 83.

Fonte:

<http://www.integralismo.org.br/?cont=915&vis=#.XlvipyJKjIX>